



Associação Conquistas da Revolução

Nº 32 | FEVEREIRO 2023

Folha Informativa

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com



**SÓ A VERDADE
É REVUOCIONÁRIA!**

04 | *Atividades da ACR*

06 | *Guerra Colonial e Forças Armadas - outros olhares*

08 | *Sobre o Museu Nacional Resistência e Liberdade em Peniche*

10 | *O negócio da guerra*

12 | *Centenário do nascimento do General Vasco Gonçalves*

EDITORIAL

ANOS DE ALEGRIA E COMBATE

Quem viveu aqueles anos de liberdade e conquistas fundamentais, quem esteve nas frentes de luta, em transformação de um golpe militar numa revolução avassaladora, olha para estes anos de 2023 e 2024 com renovada esperança e confiança.

Esperança e confiança na gente nova que afirma corajosamente o combate e a mudança. Trabalhadores, homens e mulheres com memória e amor pela liberdade virão de novo para a rua, erguendo as propostas de cumprimento da Constituição da República, dos direitos e conquistas, de maior afirmação da democracia, de construção de um país novo, de justiça e progresso.

Outros irão tentar destruir ainda mais o que foi conquistado pelos trabalhadores e o povo, na Revolução de Abril, no poder local democrático, nas lutas de todos os dias, nas empresas, nos sindicatos e na vida associativa, nessas conquistas e frentes decisivas para um Abril que continua a afirmar-se no quotidiano de todos nós.

Esses procurarão aumentar a injustiça, o roubo de salários e pensões, espalhando a fome e o desespero, fazendo crescer a pobreza e a miséria em milhares de portugueses. Esses que se sentam nos poderes com arrogância, promovendo a corrupção e o atraso, tirando mais e mais direitos na saúde, na educação, na vida social e cultural, mentindo e prometendo o que não

fazem, actuando sempre a favor dos que continuam a enriquecer e esperam voltar a tempos negros da ignorância e da violência do fascismo.

Vamos estar unidos e interventivos, festejando o 49º Aniversário do 25 de Abril este ano, preparando a enorme vaga de alegria e luta que o 50º Aniversário exige e merece em 2024. Serão anos de alegria e de combate, de confraternização e de maior afirmação popular no futuro de quem trabalha e não desiste da esperança de mudar e de vencer decisivamente o passado destruidor que os novos velhos do poder querem recuperar e impor.

Modesto Navarro

Vice-Presidente da Direcção da ACR



Associação Conquistas da Revolução

Para melhor podermos comunicar com os nossos associados solicitamos, àqueles que ainda o não fizeram, que nos enviem o seu email para acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt

O vosso contributo financeiro é indispensável para a actividade da Associação!

Apelamo-vos, por isso, que paguem a vossa quota! Podem fazê-lo por

Transferência bancária para o **IBAN PT50 0035 2178 0002 9245 6304 6**

ou por depósito para a **conta da Caixa Geral de Depósitos: 2178 0292 4563 0**

Sugere-se a visita ao site www.conquistasdarevolucao.pt e ao blogue da

Associação www.conquistasdarevolucao.blogspot.com onde são publicados

os comunicados e anunciadas as iniciativas da Associação.

Edição:

Associação Conquistas da Revolução

Coordenação:

Modesto Navarro

E-mail:

acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt

Depósito Legal: 360191/13

José Baptista Alves
Presidente da Direcção da ACR



Caros Associados e amigos

Entrámos em 2023 com uma pesada herança de 2022: mais uma guerra na Europa.

A situação em que nos encontramos há um certo tempo, com guerra aqui, guerra ali, guerra acolá, guerra económica, guerra híbrida, guerra de baixa intensidade, guerra cibernética e quantas mais sujidades se puderem inventar para subjugar e roubar os outros, tornou-nos indiferentes e nem nos apercebemos ainda bem do imbróglio em que nós próprios estamos envolvidos. Envolvidos sim, que disso já ninguém nos pode salvar.

E fomos nós, os ditos ocidentais, que nos mobilizámos para esta “cruzada” contra a Rússia, aquele povo donde vêm todos os males do Mundo porque assim o disseram Churchill e Truman em 1949, querendo e tendo até certo ponto conseguido fazer esquecer que a derrota do nazi-fascismo na II Guerra Mundial, em grande parte àquele povo de deve. Mais de vinte milhões de vidas sacrificaram para se libertarem e nos libertarem da besta nazi.

E foram europeus, ainda não totalmente libertos da ocupação militar americana - que isto de nos vermos livres dos amigos é muito complicado, como nós portugueses bem

sabemos - que aceitaram empurrar para a guerra contra a Federação Russa (também ela com território europeu), a Ucrânia, a mando dos poderes filiados no outro lado do Atlântico que sem escrúpulos deram a mão aos neonazis locais.

E agora? As guerras são o que são. Morre-se, morre-se, destrói-se, destrói-se e não se resolve nada.

Quantas vidas ucranianas e russas é preciso perder mais para acabarmos com isto?

Àqueles que, em casa, nos seus confortáveis sofás, se aprazem a vitoriar este e aquele bombardeamento, de qualquer dos lados, diremos apenas: Cuidado! Em 1945, as cidades de Hiroshima e Nagasáqui, onde a guerra nunca tinha chegado, foram o alvo escolhido para o ensaio da maior tragédia que a humanidade já conheceu...

E hoje, 77 anos depois, a nossa esperança tende a reduzir-se a que os computadores que estão permanentemente a ser chamados a fazer avaliações/simulações idênticas sobre as nossas cidades, sim sobre as nossas cidades, se auto-desliguem, envergonhados da raça humana que os criou.

Actividades da ACR - comemorações do 25 de Abril em 2023 e preparação do 50º Aniversário

No ano de 2022, encerrámos as comemorações do Centenário do nascimento do General Vasco Gonçalves e demos início à ambiciosa tarefa de construir em Lisboa um monumento em sua memória.

De tudo quanto fizemos, e foi muito - sempre com uma ligação estreita quanto possível aos nossos associados e amigos, inexcedíveis na colaboração que nos dispensaram – dá conta a “Colectânea” que será brevemente publicada pela nossa ACR. Nela procurámos registar o que de mais significativo realizámos, com destaque para os excelentes textos, fotografias e filmes, que inquestionavelmente constituem, pela sua veracidade testemunhal, documentos indispensáveis à compreensão da nossa história contemporânea.

Em 2023, teremos dois objectivos prioritários:

- Avançar na concretização da construção do Monumento de homenagem ao General Vasco Gonçalves;
- Comemorar o 49º Aniversário do 25 de Abril e preparar as grandes comemorações do 50º Aniversário.

Assim, propomo-nos levar a cabo um conjunto de iniciativas, especialmente direccionadas para a juventude, sobre as principais conquistas da revolução iniciada em 25 de Abril de 1974:

- **Democracia de Abril-CRP de 1976;**
- **Descolonização-Apoio aos retornados das ex-colónias;**
- **Educação e Cultura para todos;**
- **Saúde para todos;**
- **Direito ao trabalho com direitos;**
- **Igualdade de direitos.**

Entraremos em 2024 com uma grande Festa da Liberdade, dando início às comemorações do 50ºAniversário do 25 de Abril de 1974.

Queremos que estas comemorações, 50 anos de liberdade, se estendam por todo no ano de 2024 e vamos procurar, em articulação com os Núcleos ACR, estabelecer um calendário para todas as iniciativas, dando prioridade às sugestões e participação dos nossos associados, ficando aqui já um apelo a todos para, quanto antes, nos fazerem chegar as suas propostas.

Queremos festejar e trazer à memória de todos os momentos e factos que foram de glória e vitórias do nosso povo na sua justa



luta por uma vida melhor e dar oportunidade aos mais jovens - que não tiveram o privilégio de, como nós próprios, viver aqueles acontecimentos - de conhecerem o que foi realmente o 25 de Abril e o que foram as conquistas da revolução, aquelas que ainda hoje desfrutamos todos e aquelas que a contra-revolução fez reverter, ao longo destes 50 anos.

E, muito particularmente, alertá-los para a imprescindibilidade da luta constante na defesa das conquistas da revolução tanto mais quanto assistimos hoje ao recrudescimento das arremetidas das forças derrotadas em Abril.

Nós sabemos, por experiência própria, as formas ínvias que assumem, os disfarces que vestem e as juras que fazem para atingirem os seus tenebrosos objectivos.

Sim, tenebrosos! É necessário não deixar esquecer a situação em que vivíamos o antes 25 de Abril de 1974: Desde a ausência das liberdades cívicas; à censura; à existência da polícia política com todo o historial de perseguições, tortura e morte; à guerra colonial; ao analfabetismo e à miséria a que o nosso povo estava obrigado para

engordar um punhado de famílias que se loqueletavam com a parte de leão da riqueza nacional.

Nós sabemos bem o preço que o nosso povo pagou, na luta que nunca deu tréguas à ditadura, para não deixar morrer a esperança na Liberdade, na Democracia e na Justiça social. Por isso queremos alertar toda a gente para cerrar fileiras na defesa da nossa ordem constitucional, nascida da Revolução de Abril, para que jamais, na nossa Pátria, o fascismo seja possível.

A Constituição da República Portuguesa, promulgada em Abril de 1976, após as 7 revisões que a amputaram de algumas das mais belas conquistas da revolução, ainda é a Constituição de Abril, ainda aponta, no seu preâmbulo, o rumo ao socialismo e ainda mantém a grande parte das conquistas alcançadas, ainda que em alguns casos diminuídas nos seus efeitos. Mas a gente que nos tem governado nestes últimos 46/47 anos, mesmo assim não deixou nunca de a desrespeitar, sempre que pôde, em muito do seu articulado e ao rumo disse sempre nada ... e, quer agora, uma nova revisão para, se lhe for consentido, anular de vez o que foram os sonhos de Abril.

Guerra Colonial e Forças Armadas

Outros olhares

A guerra colonial durou mais de uma década, desde 1961 até ao longo final de Angola em 1975. O processo de descolonização só terminaria em 2002, com a independência tardia de Timor.

Uma guerra que podia ter sido evitada se o Governo de Salazar houvesse tido a clarividência de aceitar, antes do início das hostilidades, as negociações propostas pelos movimentos de libertação africanos.

Nela perderam a vida 8831 militares portugueses, a maioria em combate, mais de 20 mil foram feridos, ficando muitos debilitados para sempre. As vítimas civis são incontáveis. Mais de meio milhão de portugueses regressaram à Pátria no espaço de um ano, em difíceis condições, mas todos foram acolhidos e integrados, no que significou um dos feitos maiores da Revolução dos cravos.

Infelizmente, muitos deles atribuíram as causas do seu infortúnio não à ditadura, que conduziu a guerra para manter “Portugal uno e indivisível do Minho a Timor”, mas aos que tiveram a responsabilidade de realizar a descolonização numa situação de contingência. Uma guerra que terminou, como raras vezes aconteceu na História, com os combatentes a confraternizar e a falar a mesma língua, que o abraço de Samora Machel aos negociadores portugueses dos acordos de Lusaca bem simboliza.

Uma longa guerra que gerou um enorme movimento de resistência e protesto, expresso em deserções e fugas ao serviço militar, e na organização clandestina de militares que lutavam pela paz e o fim da ditadura.

A vida de muitas centenas de milhares de portugueses foi alterada, várias gerações foram marcadas pela tragédia da guerra e a brutalidade da repressão policial. A paz, a liberdade, a justiça social eram aspirações que fremsiam nas lutas populares, despontavam na criação artística e literária, soavam em canções repartidas em mil vozes.

Dir-se-ia que, findo o tempo dos combates, a vivência da guerra seria um campo fértil de inspiração de escritores e artistas, e se pudesse revelar a face oculta de uma realidade apenas conhecida em memórias fragmentadas, que o manto da censura cobria e encobria. Tardou a acontecer, e os testemunhos de uma violência tão inútil como absurda, causadora de tantos sofrimentos foram, inicialmente, raros.

É certo que há obras publicadas que são essenciais para conhecimento das campanhas militares e o seu enquadramento histórico, como “A guerra colonial”, de Aniceto Afonso e Matos Gomes, ou “...da descolonização”, de Pezarat Correia. Há uma escrita de grande qualidade sobre a guerra de África e a sua envolvente humana, em livros de António Lobo Antunes, Carlos Vale Ferraz (pseudónimo de

Matos Gomes), Mário Carvalho, Domingos Lobo, Sofia Branco, Lúcia Jorge, João de Melo, Modesto Navarro, Manuel Alegre, Carlos Coutinho, Rita Cruz, entre outros. Há ainda memórias com grande interesse de oficiais que tiveram comando de tropas, a partir das entrevistas de Manuela Cruzeiro a Costa Gomes, Vasco Lourenço, Melo Antunes, Vasco Gonçalves e Pezarat Correia, ou referentes ao percurso militar de oficiais como Salgueiro Maia. Há ainda textos dispersos, evocativos de experiências pessoais, ou entrevistas no universo digital, como a do Coronel Castro Carneiro ao *Etc. e Tal – jornal*.

Cada leitor poderá indicar os nomes de outros textos e seus autores que conhece e têm valor, num elenco que nunca poderá ser exaustivo, e de que excluo, naturalmente, obras elegíacas de certos chefes militares, que foram verdadeiros criminosos de guerra.

Mas a maioria dos militares que participaram na guerra, além das praças, que na época tinham baixo nível de escolaridade, eram milicianos e sargentos e, entre estes, há menos obras conhecidas. É por isso de saudar a edição, nos últimos anos, de vários livros de autores destas classes de militares que nos oferecem, além da qualidade da sua escrita, outra pulsação da vivência na frente de combate, mais ao rés da terra, na proximidade dos seres humanos concretos. Não significa isso mais valia pessoal, ou maior sensibilidade, ou mais destemor, tão só uma visão outra a partir do lugar que ocupam num exército que trava um combate.

Algumas destas obras têm já décadas de vida, como as Mário Moutinho de Pádua, médico miliciano, que desertou, publicadas nas

edições Avante!, ou de José Jorge Martins, Fuzileiro Especial, “Autópsia de uma operação”, edição Campo das Letras, ou de Jorge Ribeiro, alferes, depois despromovido a furriel miliciano, “Marcas da guerra colonial” e “Capital Mueda”, da mesma editora, ou ainda “sairòmeM”, de Gustavo Pimenta, jurista, também oficial miliciano, da Palimagem Editores. Ou ainda, mais recentemente, os livros de Augusto Baptista e Francisco Duarte Mangas, “O medo não podia ter tudo”, de António Cadete Leite, “Memórias coloniais” e “Como vivi a guerra em Quipedro”, de Jaime Froufe Andrade, “Manuscritos de R.” e “Não sabes como vais morrer”, este em 14ª edição, todos editados pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Destaque ainda, além das obras do sargento Carmo Vicente, para “A guerra armadilhada”, das Edições Sentinela, de Joaquim Coelho, sargento paraquedista, escritor e artista, autor de numerosos títulos com a mesma temática.

Menção merecem também dois livros mais densos, “Cabra-cega - Do seminário para a guerra colonial”, da Chiado Editora, da autoria de João Gaspar Carrasqueira, de facto o Coronel Marques Lopes, que serviu como oficial miliciano na Guiné, e “Do inverno à primavera”, das Edições Colibri, da autoria de José Alberto Neves, alferes miliciano, igualmente na Guiné, até à alvorada de Abril.

Obras muito diversas, ora no registo documental e memorialístico ora no modo ficcionado, ajudam a compreender a guerra por quem a viveu e, assim, a melhor compreender a História de Pátria portuguesa. E como a Paz é um valor primordial. Venham mais obras como estas!

Sobre o Museu Nacional Resistência e Liberdade em Peniche

De entre as conquistas da Revolução de Abril de 1974, destaco a da libertação dos presos políticos e da livre expressão do pensamento, que já levam cerca de meio século de existência, depois da luminosa acção dos oficiais do MFA no derrube da ditadura fascista e a adesão imediata do povo irmanado no mesmo objectivo. Estava conquistada a liberdade, defendidos os direitos dos trabalhadores, honradas as promessas dos militares do MFA e lançadas as bases do regime democrático.

Das muitas acções urgentes, o Forte de Peniche não foi esquecido. Era 7h30 da manhã quando forças conjuntas do Movimento o cercaram e, na negativa da DGS em se render, uma das companhias ficou de plantão e as restantes seguiram para Lisboa.

Coube a Vasco Gonçalves a arguta solução de enviar 2 mandatários, Machado dos Santos e Moreira de Azevedo, que ao serem apresentados a Spínola para a missão arengou um discurso ameaçador e condicionante sobre as prerrogativas de soltura, ao que os oficiais argumentaram serem todos presos por razões políticas. Mas mesmo assim, Spínola designou 3 causídicos para os acompanharem, para dúvidas jurídicas. Seguem para Peniche com “guia

de marcha” assinada e contornaram com dignidade os obstáculos. Já era madrugada do dia 27 quando foram libertados todos os presos.

Entretanto, a Fortaleza é entregue á gestão Municipal, para alojamento temporário de retornados das ex-colónias, Museu Municipal com parte política e das Artes e Ofícios.

Em 2016, o Governo decidiu entregar este emblemático espaço a privados para erguer uma pousada, gerando de imediato um coro de protestos de ex-presos políticos, familiares, democratas e amigos em defesa da preservação deste Forte como salvaguarda da memória da resistência ao fascismo e da luta pela liberdade.

E a 29 de Outubro desse ano milhares de participantes afluem a um encontro ali realizado e decidem por um apelo ao 1º Ministro António Costa, para reconsiderar tal afronta aos seus familiares, companheiros, pais e avós. É endereçada uma Petição, com mais de 9600 assinaturas, ao Presidente da Assembleia da República, para reverter a situação, que acabou por ser votada e aprovada, dando lugar á implantação do actual Museu Nacional, com abertura de concurso de arquitectura e obras que numa

1ª Fase foi inaugurada em Abril de 2019, com os seguintes polos museológicos:

- O célebre “**Segredo**” para castigos, de onde se deu a famosa fuga solitária de A. Dias Lourenço, atirando-se ao mar nas gélidas águas de Dezembro.

- O **Parlatório**, para visitas com os presos e a zona expositiva das lutas e da Solidariedade do povo da região.

- **A exposição temporária, “Por teu livre pensamento”**, com acervo documental, projectando as acções e lutas históricas desenvolvidas ao longo do fascismo, contra a guerra colonial, a liberdade e os direitos humanos.

- **A Zona prisional de alta segurança**, de onde se deu a espantosa fuga colectiva dos 10 com Álvaro Cunhal e o apoio do guarda da GNR envolvido.

- **A Capela, onde se conta a história da Fortaleza** ao longo dos tempos.

- **O Memorial, com os nomes dos mais de 2.500 presos** que passaram por esta Cadeia, num somatório de centenas de anos de prisão, vítimas das maiores arbitrariedades humanas físicas e psicológicas.



No pouco tempo de existência, o Museu já recebeu muitos milhares de visitantes, estando agora fechado ao Público, para completar um conjunto de obras gerais de mobilidade, de funcionalidade e acolher todo o acervo documental selecionado.

A directora do MNRL, Aida Rechena, anunciou no passado dia 29 de Outubro deste ano que as obras deverão estar concluídas até Abril de 2023, com inauguração oficial prevista para 27 de Abril de 2024. Relembramos isto numa altura em que ressurgem tempos de ameaças sombrias de fascismo e de guerra, a que é preciso fazer frente com persistência e luta. De salientar ainda que em todo este longo e complicado processo para criar e instalar o Museu tem sido determinante a intervenção e acção da URAP, em ligação com o MNRL.

O Negócio da Guerra

As notícias e informações que todos os dias invadem os noticiários televisivos, as páginas dos jornais ou os pequenos ecrãs dos variados programas ou “apps” que quase toda a população de todas as idades se habituou a instalar nos telemóveis, isto para falar dos meios que hoje em dia praticamente toda a população que se quer considerar “esclarecida e informada” aceita e até agradece que a “zero despesa” lhe instalem gratuitamente nos seus telemóveis.

Claro que se pensarem um pouco deveriam realizar que os milhares de jornalistas ou “caçadores de notícias” que por toda a parte pululam com mais ou menos mérito e capacidade, e se acrescentarem nas múltiplas despesas de viagens, que num local de risco como no caso de um conflito deverão ser pagos e sustentados com despesas vultuosas, custa a acreditar que tais gastos não sejam cobrados a quem recebe tais notícias.

Na realidade todos esquecemos que durante muitos anos - atente principalmente aos períodos de conflitos mundiais ou de grande intensidade como Coreia em 51 ou Vietname nos anos 60 e 70 - as notícias ou pseudo notícias passaram a ser meras informações de propaganda para os intervenientes ou para os “patrocinadores” desses conflitos.

Todas as guerras nos últimos dois séculos foram fonte de enormes lucros para muitos interesses políticos escondidos e não só para os fabricantes de material de guerra - desde os aviões, navios, veículos de transporte, ar-

mados ou não, blindados ou não, todos o tipo de artilharia mais ou menos sofisticada até ao armamento ligeiros e todo o tipo de munições que esses múltiplos meios terão de usar em combate.

Recordo que um relatório elaborado no princípio do século 21 e apresentado num areópago internacional a propósito dos gastos pela ONU em protecção infantil e incidentes climáticos em todo o mundo apelava e pedia aos governos a sua interferência para que os grandes fabricantes de armamento pelo menos destinassem uma certa percentagem dos seus lucros para os fundos de socorro da ONU e que na altura era apresentada uma lista que indicava que mais de 50% dos “produtos” fabricados pelas grandes empresas de meios e armas militares davam cerca de 200% de lucro líquido a essas mesmas empresas, embora até algumas fossem financiadas pelos respectivos governos ou mesmo fossem de sua posse total. Recordo a título quase anedótico que apresentavam um caso dum certo parafuso para uma arma de guerra era facturado cerca de 500% mais caro do que se fosse vendido para mero uso civil.

Claro que todos sabemos que os elevados lucros têm sempre fins justificativos muito importantes e destinados a manter o “ciclo” em movimento e até se possível ampliar e justificar cada vez mais e em maior volume a produção de mais armas e mais sofisticados equipamentos, pois só a sofisticação permitirá apresentar valores e custos cada vez mais elevados e assim ir multiplicando os lucros



numa cadeia de maior volume e de amplos ganhos - mesmo que ilícitos – para todos os envolvidos, geralmente os políticos e os “de-cisores” finais.

Li há poucos dias que as grandes e poderosas empresas fabricantes e fornecedoras de armamento nos Estados Unidos acorreram com muitos milhões de dólares às recentes campanhas políticas para senadores e representantes nos Estados Unidos e grandes gastos foram feitos com campanhas de políticos Republicanos cujas candidaturas estariam em posição secundária, apenas para que esses mesmos ao se apresentarem com mais visibilidade pudessem retirar votos aos de melhor posição e as empresas sabiam que o Partido Republicano poderá se tiver maioria vir a questionar as muitas dezenas de milhões de dólares que estão a ser gastos num financiamento à guerra na Europa enquanto os EUA estão a entrar numa recessão e inflação sem data de finalização.

Na realidade temos de questionar o nosso executivo sobre a sua responsabilidade e a sua real capacidade de gerir uma crise em agravamento contínuo e não é escondendo factores reais como o aumento contínuo de

bens essenciais que uma população já em carência progressiva há algum tempo pode encarar inflação crescente.

Uma perda de salários com a inflação que se observa pode levar a curto prazo a uma situação altamente preocupante, com mais filhos a abandonarem as escolas por nem os meios de transporte poderem pagar e os pensionistas e reformados aumentarem as filas nas poucas cantinas de assistência social privada.

Temos ainda a agravar a situação e a poder aumentar no curto prazo a carência de determinados produtos essenciais no fabrico de medicamentos, o que já está a fazer desaparecer nas farmácias alguns produtos de maior consumo na época mais fria do ano. Claro que possivelmente irão aparecer os “substitutos”... mas todos sabemos que os preços rapidamente serão “actualizados”.

A situação do nosso País foi provocada pela União Europeia, mas temos obrigação de reclamar, como muitos Países da U.E. já o fazem, embora os nossos noticiários o escondam.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO



do General Vasco Gonçalves

Terminámos, em 3 de Maio de 2022, as Comemorações do Centenário afirmando a nossa determinação inabalável em prosseguir com o objectivo de construir na cidade de Lisboa um Monumento ao General Vasco Gonçalves.

Está já concluída a colectânea, em livro, das acções realizadas, que esperamos poder apresentar brevemente.

Dedicamos este trabalho a toda Comissão de Honra das Comemorações do Centenário do nascimento do General Vasco Gonçalves e a toda a família do General, com referência especial à grande Senhora que foi, sua esposa, Aida Gonçalves.

Foi um trabalho colectivo de muitos e disso quisemos dar conta também, tanto quanto a nossa capacidade nos permitiu.

É nossa convicção que este será um contributo indispensável para a construção da verdade histórica.

Naturalmente que poderíamos e, garantidamente, queríamos fazer muito mais, mas uma certeza temos: fizemos Futuro, pouquinho mas Futuro. Por tudo isto, com imenso orgulho pelo trabalho realizado, aqui deixamos o nosso agradecimento ao colectivo dos Corpos Sociais da ACR, aos nossos associados e a todos quantos connosco colaboraram, pelo apoio e compreensão que nos dispensaram.

E aqui deixamos também a certeza de todos continuarmos a luta pela concretização do Monumento de homenagem ao General Vasco dos Santos Gonçalves, que Lisboa merece - por direito próprio - e Portugal engrandece.

E também a certeza de que, mau grado aos fazedores de escolhos a todas as madrugadas, esse dia... vai nascer.

A Direcção da ACR

PLANO DE ACTIVIDADES 2023

_15 Fevereiro, 18h - Casa do Alentejo, Sessão/Debate sobre a CRP

_21 Abril, 19h30 - Casa do Alentejo, Jantar Comemorativo do 49º Aniversário do 25 de Abril



Associação Conquistas da Revolução
Defender Abril • Construir o Futuro